



## **Andanças por São João do Meriti: cartografias infantis em espaços urbanos na Baixada Fluminense**

Walks in São João do Meriti: children's cartographies in urban spaces in Baixada Fluminense

Salidas en São João do Meriti: cartografías infantiles en espacios urbanos de la Baixada Fluminense

**Flávia Miller Naethe Motta<sup>1</sup>**

*Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu/RJ, Brasil*

**Ana Lúcia Gomes de Souza<sup>2</sup>**

*Professora do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira – Cap UERJ, Rio de Janeiro/RJ, Brasil*

*Recebido em: 22/02/2022*

*Aceito em: 13/04/2022*

### **Resumo**

Nesse artigo falaremos sobre a aprendizagem de crianças pequenas de uma escola comunitária marcada por resultados expressivos na alfabetização das crianças no primeiro ano do ensino fundamental. Trazemos o recorte de uma pesquisa realizada entre 2018 e 2020 com crianças da educação infantil e do primeiro ano do ensino fundamental na qual, a partir de análise documental e observação participante, suas práticas foram analisadas. Trazemos para este artigo o evento “Ilustrações do caminho percorrido” para discutir as experiências das crianças sobre a territorialidade, o sentimento de pertencimento e suas subjetividades. Argumentamos pela percepção de os registros sob a forma de desenhos ao mesmo tempo constroem as bases de um pensamento cartográfico e solidificam o pertencimento dos sujeitos ao seu território. Observamos nessa instituição os olhares atentos para produção das crianças, a interação e a manutenção da brincadeira constantes nos fazeres pedagógicos.

**Palavras-chave:** Escola Comunitária. Aprendizagens. Geografia das Infâncias.

### **Abstract**

In this article we address the learning of young children in a community school marked by expressive results in children's literacy in the first year of elementary school. We bring the cut of a research

---

<sup>1</sup> [flaviamnotta@ufrj.br](mailto:flaviamnotta@ufrj.br)

<sup>2</sup> [analucia.eja@gmail.com](mailto:analucia.eja@gmail.com)

conducted between 2018 to 2020 with children in early childhood education and the first year of elementary school in which, from documentary analysis and participant observation, their practices were analyzed. We bring to this article the event "Illustrations of the road traveled" to discuss the children's experiences about territoriality, the sense of belonging and their subjectivities. We argue for the perception that the records in the form of drawings simultaneously build the bases of a cartographic thought and solidify the subjects' belonging to their territory. We observed in this institution the attentive look to the children's production, the interaction and the maintenance of constant play in the pedagogical actions.

**Keywords:** Community School. Learning. Geography of Childhood.

### Resumen

En este artículo abordamos el aprendizaje de los niños pequeños en una escuela comunitaria marcada por los resultados expresivos en la alfabetización de los niños en el primer año de las escuelas primarias. Aportamos el recorte de una investigación realizada entre 2018 y 2020 con niños de educación infantil y primer curso de primaria en la que, a partir del análisis documental y la observación participante, se analizaron sus prácticas. Traemos a este artículo el evento "Ilustraciones del camino recorrido" para discutir las experiencias de los niños sobre la territorialidad, el sentido de pertenencia y sus subjetividades. Defendemos la percepción de que los registros en forma de dibujos construyen simultáneamente las bases de un pensamiento cartográfico y solidifican la pertenencia de los sujetos a su territorio. Observamos en esta institución la mirada atenta a la producción de los niños, la interacción y el mantenimiento del juego constante en las acciones pedagógicas.

**Palabras clave:** Escuela comunitaria. Aprendizaje. Geografía de la infancia.

### Introdução

Nosso artigo descreve experiências acontecidas no cotidiano de uma escola comunitária localizada no município de São João de Meriti, Baixada Fluminense do Estado do Rio de Janeiro.

Enquanto pesquisadoras das infâncias e da linguagem, fomos provocadas pela curiosidade com o que ocorria nessa escola, onde todas as crianças se tornavam leitoras e escritoras competentes aos 6 anos de idade. Suspeitávamos que a Escola do Centro de Atividades Comunitárias de São João do Meriti – doravante denominada escola do CAC - traria um diferencial em sua prática pedagógica fundamentada numa possível formação recebida nos Movimentos Sociais que atuaram fortemente em sua origem. Interessou-nos conhecer tais práticas e estudos e agregá-las aos estudos que vimos acumulando sobre infâncias em instituições de ensino regular.

Em diálogos mantidos com uma das professoras fundadoras do CAC entendemos que a sua concepção pedagógica foi construída coletivamente entre os professores fundadores que compunham a comissão de educação dos Movimentos Sociais. Eles buscaram por sua própria formação em uma

instituição de ensino localizada em São Paulo reconhecida por sua prática alfabetizadora inspirada nos princípios construtivistas. Constatamos que esse movimento de se autoformar mantém-se até os dias atuais, dinâmica que acontece entre os pares. Trata-se de movimento de acolhida a cada profissional que chega e se apropria dos fazeres que a escola vem desenvolvendo ao longo de mais de 30 anos de sua existência.

A pesquisa se organizou como estudo investigativo sobre as práticas e interações de uma escola comunitária. Fomos em busca do histórico da instituição e analisamos os documentos sobre a sua fundação. Fora isso, estivemos presentes na pesquisa de campo, durante 2 anos, observando, e dialogando com crianças, professores e pais. Envidamos nossos esforços para compreender os caminhos escolhidos pela escola para alfabetizar crianças pequenas.

Os espaços da Escola do CAC representam muito para a comunidade local, espaço de aprender, experimentar, interagir. Território fértil para geração de conhecimento e compreensão do significado daquilo que é comunitário.

Para compor o debate sobre as crianças e os espaços escolhemos trazer para a construção desse artigo um recorte sobre atividades desenvolvidas com crianças de 5 anos da educação infantil. Dentre os eventos que presenciamos, trazemos trabalho das crianças como desdobramento de projeto pedagógico em curso. Sob as lentes dos estudos da geografia das infâncias compreendemos a relevância dos desenhos produzidos por crianças pequenas, suas representações e compreensões dos espaços.

### **Sobre a pesquisa**

A escola foi fundada em 1987 por militantes dos Movimentos Sociais em São João do Meriti e atualmente atende turmas de educação infantil e do primeiro ano do ensino fundamental. Trata-se de instituição filantrópica diante da baixa incidência de diferentes políticas públicas naquela região. A intenção de seus fundadores era de realizar experiências concretas na área da educação, cultura e saúde apontando perspectivas para a melhoria da qualidade dos serviços oferecidos<sup>3</sup>. (ROSA, 2011)

A pesquisa de campo se desenvolveu entre 2018 e 2020. Observamos as crianças no último ano da educação infantil e no primeiro ano do ensino fundamental. Buscamos conviver com os sujeitos da instituição (crianças e profissionais da escola) e observá-los em seus fazeres e interações. Interessávamos conhecer a proposta educativa pensada para crianças pequenas. E o fizemos desprovidas de julgamentos. Observamos buscando não interferir na condução do processo educacional dessas crianças.

---

<sup>3</sup> Com o passar dos anos os trabalhos voltados para saúde e cultura pereceram. Apenas o projeto de educação permanece na Escola do CAC por mais de 30 anos.

Percebemos, ao longo de dois anos, as escolhas feitas ao elaborar estratégias de aprendizagem e propostas didáticas. A convivência e a análise de alguns documentos da escola contribuíram para entendermos suas concepções educacionais.

Os estudos da Geografia da Infância direcionaram o nosso olhar para o espaço da Escola do CAC e tudo o que representa para as crianças. A escola está localizada em uma chácara ampla, com quintal bem grande e arborizado possibilitando interações com os seres vivos que por ali habitam.

Com Lopes (2018) argumentamos que o lugar onde nascemos e vivemos faz toda diferença em nossa vida. Assim acontece com as crianças daquela localidade: “O espaço exerce um grande fascínio para as crianças, para quem se trata de um local de aventuras”. E ainda com o autor entendemos que “O espaço de vida das crianças não depende tanto das estruturas adultas, mas, sobretudo, das suas experiências.” (2017, p. 770).

**Figura 1 - Frente do CAC com o quintal**



Fonte: Perfil do Facebook da instituição

A seguir descreveremos um dos eventos que vimos acontecer durante o trabalho de campo. Desejamos deixar transparecer o modo de fazer bem peculiar dessa escola. Além de revelar um pouco da concepção pedagógica e a opção pelo trabalho a partir dos projetos o evento permite apreender a concepção de criança como sujeito em suas concretudes: históricas e geográficas. Acreditamos que o relato desinibiliza a prática cotidiana da escola. Vamos a ele.

### **Ilustrações do caminho percorrido**

Trazemos a narrativa da participação das crianças da educação infantil, 5 anos, no projeto desenvolvido pela escola em 2018: “Projeto Braguinha<sup>4</sup>”. Como parte integrante do projeto, as crianças

---

<sup>4</sup>Carlos Alberto Ferreira Braga, conhecido como João de Barro e por Braguinha, foi um famoso compositor brasileiro que fez *Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação, Juiz de Fora*, v. 24, n. 2, p. 449-460, maio/ago. 2022

visitaram a Escola de Música da AMC - Associação de Compositores da Baixada Fluminense - localizada na mesma cidade. Nas rodas de conversa ocorridas durante a semana as crianças conheceram algumas particularidades desse espaço. Trata-se de uma Escola de Música que oferece gratuitamente o estudo de diversos instrumentos musicais, percussões e teoria musical. Uma das características dessa escola é que, assim como o Centro de Atividades Comunitárias – o CAC, a Escola de Música da AMC também é instituição sem fins lucrativos, criada por agentes dos movimentos sociais. O objetivo principal da instituição é o resgate da cidadania através da cultura<sup>5</sup>. Os músicos da AMC participaram da comemoração dos 30 anos do CAC e agora havia chegado o momento de as crianças retribuírem a visita.

A despeito do convite para acompanhá-los, não foi possível estar presente, observando-os nessa atividade. Ao retornar à escola, as crianças estavam falantes, eufóricas e o assunto era a ida à Escola de Música.

Pedro Lucas<sup>6</sup> contou:

- “A gente foi andando pela rua até chegar lá. Todo mundo andando na rua”.

Pela empolgação do menino mostrava que o fato de irem caminhando a pé acompanhados dos professores e alguns responsáveis foi um grande feito. Era possível imaginar as crianças andando pelas ruas, uniformizadas e com a animação que costumam ter. Sair da escola juntos é novidade. “Todo mundo andando na rua” revelava a empolgação que essa novidade representava para Pedro Lucas e certamente para as outras crianças também. Lopes e Fichtner (2017, p. 772) explicam essa relação das crianças com o espaço da rua, quando dizem: “A rua é muitas vezes percebida como segunda casa, é a transposição entre interior e exterior, sobretudo as ruas residenciais, são suas casas também, são locais de intensa brincadeira e jogos infantis.” Por isso tamanha empolgação durante suas narrativas sobre o caminho a AMC.

As crianças continuavam a falar. Invadiam o espaço de fala uma das outras para contar sobre a caminhada até a Escola de Música.

- Deixa eu falar, deixa eu falar! – disse o Davi.

- Agora sou eu, você já falou! – reclamou a Katharina.

Cada uma delas queria contar mais detalhes do que o outro.

---

sucesso com suas marchinhas de carnaval e pelas canções que escreveu e adaptações das histórias infantis. Em linhas gerais, o Projeto Braguinha que teve o propósito de apresentar a biografia do autor e o repertório das canções compostas pelo compositor, voltadas para o público infantil. O projeto previu também o trabalho com algumas histórias infantis. Houve ainda uma ação vinculada a este projeto: a visita dos estudantes e suas famílias à Escola de Música do Município de São João de Meriti.

<sup>5</sup> Informações obtidas na página oficial da Escola de Música <https://www.escolamc.com.br/>, com acesso em 28 de abril de 2021.

<sup>6</sup> Escolhemos trabalhar com nomes fictícios para as crianças.

- Eles cantaram as músicas da gente.” – explicou Manuela.
- É mesmo? Quais músicas? – Perguntou a pesquisadora.
- A da baratinha – disse Katharina - E colocaram a roupa dela.
- Como assim roupa dela? – a pesquisadora quis saber.

Mas, as crianças não permitiam que Katharina terminasse sua explicação e atropelavam sua fala. Cada uma lembrava e narrava o que vira. Elas não queriam perder a chance de contar à pesquisadora. Pareciam querer demonstrar o quanto sabiam. Por isso invadiam a fala do outro sem cerimônias. A pesquisadora, afogada em narrativas, ficava sem respostas, tentando compreender o que desejavam relatar. Em seguida, já estavam citando as canções que ouviram: da Dona Baratinha, do Chapeuzinho Vermelho, do Gato na Tuba, do Pirata da perna de pau, Branca de Neve e os Sete Anões e outras. Contaram também que tocaram instrumentos de percussão e de sopro. Cada um desejava falar mais do que o outro sobre o que viu e aprendeu na Escola de Música.

Após um longo tempo com esse alvoroço de explicações e relatos infantis sem interrupções, a professora pediu licença para acrescentar. E perguntou:

- Posso falar também?
- Pode. – responderam em coro.

A professora contou o ocorrido. Relatou que foi um momento especialmente organizado para o público infantil. Inclusive os professores da Escola de Música da AMC os receberam vestidos com fantasias dos personagens presentes das canções infantis compostas por Braguinha. Contou ainda que naquele espaço as crianças conheceram o trabalho desenvolvido nos diversos cursos promovidos pela Escola de Música. Observaram tudo, viram os instrumentos que ainda não conheciam (de sopro, de cordas, de percussão). E dado momento houve apresentação musical especialmente preparada para elas. As crianças puderam ouvir e cantar junto com os músicos algumas das canções de Braguinha que aprenderam na escola. “A música da gente”, como bem disse a Manuela.

A partir de todos os relatos ficou claro que, para as crianças, o ir e vir da Escola de Música, caminhando a pé pelas ruas do bairro, foi um acontecimento à parte a ponto de ser destaque em suas falas. A euforia do relato apontava para uma ocorrência adicional. Poder sair da escola juntos e caminhar a pé pelas ruas do bairro foram atividades mobilizadoras para todos e com certeza gerou aprendizagens importantes.

Após terem relatado a visita à Escola de Música, a professora propôs a atividade de registro do trajeto, em formato de ilustração. Cada uma das crianças iria desenhar um destaque desse trajeto. O que viram pelo caminho? Como foi? O que tinha na rua? A professora, também compreendeu a importância da caminhada a pé até a Escola de Música para as crianças e a proposta de produção foi

*Instrumento: Rev. Est. e Pesq. em Educação, Juiz de Fora, v. 24, n. 2, p. 449-460, maio/ago. 2022*

bem aceita por eles. Giz de cera, lápis coloridos e o papel na mão, iniciaram sua produção.

**Figura 2 - Mural com as ilustrações das crianças**



Fonte: arquivo pessoal

Ao final cada um deles colaborou na organização do mural. Uma a uma das produções foram afixadas como um quadro, bem colorido.

Na primeira imagem, da esquerda para direita, percebemos as crianças como em fila e alguns adultos por perto. É a caminhada “Todo mundo andando na rua” – como bem disse o Pedro Lucas. Na segunda imagem a criança ilustra a calçada por onde caminharam por boa parte do tempo e escreve – como numa legenda - “CAUSADA”. Na terceira imagem observamos elementos da rua, como casas e uma loja. Na primeira imagem de baixo, da esquerda para direita vimos o traçado da rua como um caminho percorrido e alguns elementos como o Sol, algumas casas e pessoas. Ao seu lado temos a imagem da chegada à Escola de Música com pessoas, o prédio principal da Escola do CAC e o outro da Escola de Música. João disse que desenhou pessoas coloridas também, depois mudou de ideia e disse que eram carros da rua. A última ilustração apresenta o Sol, algumas pessoas, as casas da rua e a Escola de Música. Tudo muito autoral e colorido.

Observamos como as imagens são distintas umas das outras. Pois, cada criança encontrou sua forma singular de representar os espaços e lugares pelos quais passaram durante a experiência vivida coletivamente. Quanto a isso, Lopes sinaliza que: “O espaço de vida das crianças é mais claramente percebido quando observamos as estruturas do mundo adulto, que são ressignificadas em suas experiências, o que mostra formas singulares e próprias de viverem o mundo urbano e suas estruturas”

(2017, p. 772)

Em relação à experiência, Larrosa (2002) a descreve como algo que nos afeta, nos atravessa e chega a nos transformar. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”, assim ele explica.

O autor prossegue destacando que o sujeito vive a experiência e a vive ao seu modo. Trata-se de sujeito receptivo, passivo, em movimento de disponibilidade e abertura para a experiência. Não vive a experiência aquele que não se expõe, não se apresenta a ela, não se disponibiliza a vivê-la.

Ele explica ainda que apesar de tantas coisas acontecerem no mundo, e as informações nos chegarem em tempo real, pouco absorvemos delas. Entretanto, segundo o autor, “quase nada nos acontece” e “está organizado para que nada nos aconteça”. Pois, conhecimento não é sinônimo de informação. Porque para aprender não basta apenas processar informações recebidas. O conhecimento se produz nas trocas produtivas como o outro. Receber informações não significa aprender.

Ainda com o autor, entendemos que a experiência é o que nos acontece, individualmente. Mesmo que duas ou mais pessoas vivenciem o mesmo fenômeno, suas experiências são distintas.

Assim, com Larrosa entendemos que a experiência não se separa do indivíduo, cada um vive a sua própria – única e irrepetível, como diria Bakhtin (2011). Tampouco conseguimos aprender da experiência do outro, a não ser que a revivamos para torná-la própria. Pois, mantemos com a experiência uma relação pessoal e individual, conforme nos afirma Larrosa<sup>7</sup>. O saber que dela resulta é que permite que nos apossamos de nossa própria vida.

Por isso, retomando ao evento da ida das crianças à Escola de Música, entendemos que cada uma delas viveu uma única experiência, pessoal e irrepetível. As ilustrações expressam a leitura que fizeram da caminhada. Embora estivessem juntas, os destaques são diversificados.

Lopes, em seus estudos sobre a Geografia da Infância, caracteriza alguns desafios postos quando observamos as produções infantis e suas significações.

O autor nos convida a repensar algumas teorias que estão presentes entre os pesquisadores de cartografias. Nos convida ainda a compreender a infância em seus diversos contextos. São esses contextos que expressam como os arranjos culturais e sociais produzem a infância em seus diversos espaços e tempos e como as crianças se apropriam dessas dimensões (LOPES, 2005, p. 32).

A proposta, então, é de ampliar o olhar para as representações infantis, tais como as ilustrações das crianças da Escola do CAC (figura 2). Elas são a personificação infantil sobre algo que as impactou, como a experiência da caminhada para a visita à Escola de Música, que as incentivou a criar suas

---

<sup>7</sup> Op cit.



produções.

Outrossim, entendemos durante esse evento que a atividade encaminhada pela professora às crianças de 5 anos para ilustração do percurso, não teve o objetivo de criação de mapas. Tampouco foi essa intenção da professora ao propor tal atividade. Contudo, ancorados nos estudos de Lopes, podemos considerar que temos um trabalho cartográfico elaborado por essas crianças pequenas. É um trabalho de representação de espaços e lugares a partir de suas realidades, do seu local, do sentimento de pertencimento a esse lugar (bairro) e de tantas outras sensações que o Projeto Braguinha possibilitou. Pois, é o que nos descreve o autor:

Assim, toda criança é criança de um local; de forma correspondente, para cada criança do local existe também um lugar de criança, um lugar social designado pelo mundo adulto e que configura os limites da sua vivência; ao mesmo tempo, toda criança é criança em alguns locais dentro de um local, pois esse mesmo mundo adulto destina diferentes parcelas do espaço físico para a materialização de suas infâncias. (LOPES; VASCONCELLOS, 2015, p.39)

Com os autores entendemos o a importância dos locais para as crianças que convivem na Escola do CAC. Entendemos também que para elas sempre será direcionada uma visão adultocêntrica delimitando seus espaços de circulação. O local da criança acaba sendo compreendido como a escola. É a mão adulta que traça e define seus territórios. Quando a Escola do CAC amplia esse horizonte e considera o caminhar pela rua como uma possibilidade de troca de experiências e de aprendizagens outras, vamos ampliando essa visão e concebendo a dinâmica da negociação das territorialidades infantis. Eles sinalizam que existe uma diferença entre “territórios de criança” e os “territórios pensados para elas”, pois pressupõe um embate entre diferentes concepções dos adultos, das crianças, das famílias, das instituições e das culturas de massa e popular que definem o modo de vida das crianças. (LOPES E VASCONCELLOS, 2015, p. 40-41)

Nesse sentido foi possível constatar que houve sensibilidade dos profissionais da Escola do CAC ao pensarem nessa atividade, alcançando a relevância para as crianças. Os profissionais da Escola de Música também demonstraram sensibilidade para recepcionar os pequenos da Escola parceira. Se prepararam para o encontro, se organizaram falando sua linguagem, cantando “as músicas da gente”, conforme afirmou Manuela. Desse modo as crianças puderam se identificar com a instituição (o lugar social), com as fantasias dos personagens das canções de Braguinha usadas pelos professores que tinham significado especial para elas.

Os autores também analisam a influência que os espaços exercem sobre as crianças. E defendem que enquanto as crianças se apropriam dos espaços, elas também vão criando suas territorialidades e a isso chama de *territorialidades de crianças*, das quais elas constroem suas geografias. (Ibidem, p.39)

Ora, se o espaço geográfico é uma das dimensões centrais da infância das crianças (LOPES, 2018, p.135), então é possível alcançar a representatividade da Escola do CAC, do percurso percorrido nas ruas e da Escola de Música para cada uma das crianças que neles convivem.

Ao analisar o evento “Ilustrações do caminho percorrido” constatamos que ele está imbricado a um projeto – O Projeto Braguinha, que previu várias ações, dentre elas a caminhada para a visita à Escola de Música. Podemos afirmar que há uma proposta didática consistente em curso que envolve as crianças como sujeitos ativos do processo de construção de conhecimento.

Observamos, no decorrer do desenvolvimento do projeto e, sobretudo, nessa atividade específica de ilustração, o quanto a territorialidade defendida por Lopes (2005) foi construída pelas e com as crianças da Escola do CAC. É conceito que foi se estruturando no cotidiano escolar, não através de atividades estanques. Trata-se da construção frequente da geografia desse lugar – o bairro de Coelho da Rocha, onde está o CAC e a escola que eles conhecem e convivem. Tudo isso tem significado para as crianças à medida em que se sentem pertencentes a esse território.

Motta (2013), contribui baseada nos estudos vigotskianos, sobre o desenvolvimento das crianças e a significação que elas dão às coisas a partir da interação com o outro.

O desenvolvimento, então, para Vigotski, deve ser visto como cultural, revelando-se como o processo pelo qual a criança se apropria das significações que sua sociedade atribui às coisas, sem esquecer que esse desenvolvimento vai acontecer dentro de suas condições reais de existência. (MOTTA, 2013, p. 69)

É na concretude das experiências que o sujeito se apropria das significações culturais atribuídas às coisas pelo grupo no qual está inserido. O processo de apropriação dos significados sociais ocorre desde o nascimento da criança. O desenvolvimento cognitivo do indivíduo se dá através de diferentes formas que envolvem processos mentais distintos, como o de formação de conceitos que tem início na infância e assume sua forma final na puberdade. Vejamos que na interação social tanto a dimensão cognitiva, quanto a afetiva se fazem presentes, não podem ser dissociadas. As crianças ao apreenderem os elementos de seus territórios, ao mesmo tempo que se apropriam deles, os transformam, intervindo na realidade ao seu redor. Sujeitos ativos que recriam o mundo tão logo nele são inseridas.

## **Considerações**

Muitas aprendizagens decorreram desse nosso estudo sobre a instituição, sobre as crianças, os professores e suas práticas na Escola do CAC.

Inicialmente apontamos a troca produtiva entre os pares de professores como o diferencial da

instituição e a manutenção da concepção pedagógica. A opção acertada de buscarem por sua própria formação e de continuarem a se formarem enquanto profissionais de uma mesma instituição. Diferente de nossa hipótese inicial não advém dos Movimentos Sociais. Mas, talvez a atitude de buscar o melhor para as crianças em instituição reconhecida por suas práticas, seja uma ação inspirada nos princípios dos sujeitos dos Movimentos Sociais e sua gênese de ação colaborativa em prol do bem comum<sup>8</sup>.

Os professores ainda hoje preservam boas práticas na escola que entendemos irem ao encontro das propostas dos estudos da infância reconhecendo as crianças como produtoras de culturas e protagonistas em seu processo formativo. Tal protagonismo revela-se na maneira como se expressam, na oralidade. São crianças falantes. Se sentem seguras ao manifestarem seus pensamentos em grupo. São ouvidas e estão acostumadas a se expressarem.

As ilustrações que as crianças produziram (Figura 2) nos deixam pistas de como se sentem seguras para produzir e publicizar suas produções. Se a escola as acolhe, abre-se espaço para as enunciações infantis. O projeto pedagógico proposto para as crianças de 5 anos promove o brincar e as interações como forma de expressão e troca de saberes. As crianças aprendem brincando, cantando, encenando, caminhando pelas ruas de sua cidade, conversando sobre suas experiências.

Quanto ao evento que trouxemos para esse artigo, entendemos que a proposta didática, muito mais do que promover e construir cultura entre as crianças, a partir do conhecimento da obra do autor Braguinha e da importância da Escola de Música na cidade, possibilitou o enriquecimento cultural sobre a localidade, o sentimento de pertencimento, o conhecimento do lugar ressignificado por elas através das ilustrações.

O estudo da geografia das infâncias orienta nosso olhar para a produção das crianças com toda sua singularidade e especificidade. As ilustrações demonstram como os espaços são pensados pelas crianças. Quais são as significações que atribuem a eles. Quais são as forças sociais que se entrecruzam. Cada expressão espontânea fica registrada em seus traços. Os destaques principais de seus desenhos são a rua, os elementos da natureza, as pessoas e o prédio visitado. Mas, a forma como as percebem são distintas quanto a cores, tamanhos, posição etc. São representações únicas e irrepetíveis de uma mesma experiência para todos, mas de múltiplas interpretações.

A partir dessa perspectiva concebemos os desenhos das crianças sobre o caminho percorrido como cartografia do lugar elaborada por elas. Ainda que não tenham sido elaborados mapas ou cartas na forma convencional de compreendê-los geograficamente, houve o registo do espaço. Registro infantil carregado de subjetividades de crianças e a forma como observam esse espaço. São ilustrações

---

<sup>8</sup> Aprofundamos o estudo sobre os Movimentos Sociais na tese. Ver: <sup>8</sup>(Autora).

que expressam seus conhecimentos e vivências sobre o lugar.

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

FERNANDES, Maria Lídia Bueno; LOPES, Jader Janer Moreira. Território, cultura e educação: a configuração da infância em tempo/espaço outro. **Revista Em aberto**, Brasília, v. 31, n. 101, p. 133-146, 2018.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, 2002.

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. **Geografia da infância**. Reflexões sobre uma área de pesquisa. Juiz de Fora: FEME, 2015.

LOPES, Jader Janer Moreira; FICHTNER, Bernd. O espaço de vida da criança: contribuições dos estudos de Marta Muchov às crianças e suas espacialidades. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, n. 63, v. 26, p. 755-774, 2017.

MOTTA, Flávia Miller Naethe. **De crianças a alunos: a transição da educação infantil para o ensino fundamental**. São Paulo: Cortez, 2013.

VIGOTSKI, Lev. Semenovich. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.